

**Cita: Santos, W. R. & Menezes, R. P. (2025). Processo de especialização de jogadores e goleiros de handebol: há perspectiva para consenso nos discursos de treinadores? Cuadernos de Psicología del Deporte, 25(2), 229-244**

## **Proceso de especialización de jugadores y porteros de balonmano: ¿hay perspectiva de consenso en los discursos de los entrenadores?**

## **Specialization process of handball players and goalkeepers: is there a perspective for consensus in coaches' discourses?**

## **Processo de especialização de jogadores e goleiros de handebol: há perspectiva para consenso nos discursos de treinadores?**

Santos, Walmir Romário<sup>1</sup>; Menezes, Rafael Pombo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade de São Paulo (USP), Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP)

### **RESUMEN**

El objetivo de este trabajo fue analizar el proceso de especialización de los porteros y jugadores de balonmano, a partir de las opiniones de los entrenadores sobre las categorías y los motivos considerados preponderantes para el proceso. Se entrevistó a diecisiete entrenadores, cuyos testimonios fueron analizados utilizando el método de Análisis Temático Reflexivo. Basándose en los discursos y en la interlocución con el Modelo de Desarrollo y Participación Deportiva (DMSP), desde una perspectiva a largo plazo, las posiciones de los entrenadores indican que la especialización del portero debe ocurrir en la etapa de especialización del DMSP (categorías sub-14 y sub-16) y la de los jugadores en las categorías sub-16 y sub-18. Los resultados revelaron que las particularidades de las posiciones en el balonmano son preponderantes para el proceso de especialización, que debe ocurrir después de una base amplia y variada de estímulos, especialmente relacionados con la resolución de situaciones-problema derivadas de la dinámica del juego de balonmano.

**Palabras clave:** Balonmano; Especialización deportiva; Formación de jugadores.

### **ABSTRACT**

The aim of this study was to analyze the specialization process of goalkeepers and court players in handball, based on coaches' opinions regarding the categories and the reasons considered crucial for player specialization. Seventeen coaches were interviewed, and their statements were analyzed using the Reflective Thematic Analysis method. Based on the discourses and the interaction with the Developmental Model of Sport Participation (DMSP), from a long-term perspective, the coaches' positions suggest that goalkeeper specialization should occur during the specialization years of the DMSP (U-14 and U-16 teams), while court player specialization should occur during the

Correspondencia: **Rafael Pombo Menezes**. Email: rafaelpombo@usp.br

## Santos, Menezes

investment years (U-16 and U-18 teams). The results revealed that the particularities of positions in handball are crucial for the specialization process, which should occur after a broad and varied base of stimuli, especially related to solving problem situations arising from the dynamics of handball.

**Keywords:** Handball; Sport specialization; Players' development.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho foi analisar o processo de especialização de goleiros e jogadores de quadra de handebol, a partir das opiniões dos treinadores sobre as categorias e os motivos considerados preponderantes para a especialização dos jogadores. Dezessete treinadores foram entrevistados, cujos depoimentos foram analisados utilizando o método da Análise Temática Reflexiva. Com base nos discursos e na interlocução com o Modelo de Desenvolvimento e Participação Esportiva (DMSP), sob uma perspectiva a longo prazo, os posicionamentos dos treinadores indicam que a especialização do goleiro deve ocorrer na etapa de especialização do DMSP (categorias sub-14 e sub-16) e a dos jogadores de quadra na etapa de investimento (categorias sub-16 e sub-18). Os resultados revelaram que as particularidades das posições no handebol são preponderantes para o processo de especialização, que deve ocorrer após uma base ampla e variada de estímulos, especialmente relacionadas à resolução de situações-problema oriundas da dinâmica do jogo de handebol.

**Palavras-chave:** Handebol; Especialização esportiva; Formação de jogadores.

## INTRODUÇÃO

A formação esportiva é um fenômeno complexo, plural e heterogêneo, e tem sido explorada por diferentes modelos organizados por etapas e/ou por transições entre essas (Alfermann; Stambulova, 2007; Côté et al., 2007). Alguns desses modelos orientam a formação esportiva de maneira ampla, não se restringindo a uma modalidade, e descrevem procedimentos metodológicos em uma perspectiva de longo do processo. Um exemplo é o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP, do inglês), proposto por Côté et al. (2007; 2013), desenvolvido após estudos retrospectivos com atletas de diferentes modalidades.

O DMSP é fundamentado na caracterização de atividades de diferentes naturezas, como jogo deliberado, prática deliberada e prática pelo jogo (tradução livre do termo “play practice”, que também pode ser entendida como o ensino por meio de jogos). O jogo deliberado é caracterizado pela presença de regras adaptadas do jogo formal, projetado inicialmente para maximizar o prazer e a diversão inerentes à própria atividade, com foco na motivação intrínseca (Côté et al., 2007; 2013). A prática deliberada refere-se a exercícios estruturados voltados ao desenvolvimento de habilidades, com objetivos pré-determinados e dependente da motivação extrínseca (Ericsson et al., 1993; Côté, 1999; Côté et al., 2013). Já a prática pelo jogo abrange atividades lideradas e/ou planejadas por adultos com o objetivo de melhorar o desempenho pautadas no ensino por meio de jogos (Côté et al., 2013).

Esse modelo também descreve três carreiras esportivas possíveis no processo de formação esportiva: “alto rendimento por meio da especialização precoce”, “participação recreativa por meio de vivências diversificadas” e “alto rendimento por meio de vivências diversificadas” (Côté et al., 2007; 2013; Côté; Hancock, 2016). Cada carreira apresenta características singulares e, dentre outros aspectos, são diretamente influenciadas pelas atividades supramencionadas.

## Especialização no handebol

Ao abordarmos modalidades esportivas coletivas, como o handebol, que é o objeto de estudo deste trabalho, consideramos práticas que envolvem aspectos que vão além da individualidade das tomadas de decisão dos jogadores. As construções coletivas tornam-se cada vez mais complexas à medida que os jogadores desenvolvem seu conhecimento sobre o jogo e concretizam a aprendizagem em longo prazo. Wall et al. (2020) apontam que os processos de ensino e treinamento que estabelecem diretrizes na formação esportiva são tipicamente conceituados usando estruturas teóricas que definem o desenvolvimento do atleta como um processo composto por modelos de estágios e transições normativas.

No handebol, diferentes autores apresentam propostas sobre o processo de ensino/treino e os conteúdos enfatizados em uma perspectiva de longo prazo (Ehret et al., 2002; Greco et al., 2012; Estriga; Moreira, 2013; Menezes, 2018). O processo de especialização esportiva, especificamente no handebol, deve envolver experiências amplas e prática regular para que o jogador possa desenvolver soluções alinhadas às exigências do contexto de jogo (Santos; Menezes, 2019; 2020).

Embora seja importante a especialização em uma ou mais posições de jogo, devido à sua dinâmica, estudos com treinadores brasileiros em diferentes âmbitos (Santos; Menezes, 2019, 2020) evidenciaram divergências sobre as faixas etárias ideais consideradas ideais para a especialização por posições. Essas divergências referem-se, principalmente, às experiências profissionais e às percepções dos treinadores, visto que há especificidades dos contextos em que atuam.

As divergências em torno de um possível consenso sobre o tema revelam o desafio de ampliar as perspectivas de investigação, para aprofundar em aspectos do processo de especialização conduzido por treinadores brasileiros. Estudos dessa natureza podem contribuir para orientar ações pedagógicas nos cursos de graduação em Educação Física, nas ações promovidas pela Confederação Brasileira de Handebol (Franceschi; Menezes, 2023) e na valorização de experiências diversificadas nas etapas iniciais da formação (Santos; Menezes, 2019; 2020; Vieira; Santos e Menezes, 2021).

Diante desse cenário, o objetivo deste estudo foi analisar as faixas etárias consideradas ideais para a especialização de goleiros e jogadores de quadra no handebol sob a perspectiva do DMSP. Com base na literatura existente, parte-se da hipótese de que treinadores mais alinhados aos princípios do DMSP tenderão a indicar idades mais tardias para a especialização de jogadores, tanto de quadra quanto goleiros.

## MATERIAL E MÉTODOS

### *Desenho de pesquisa*

Trata-se de uma abordagem qualitativa de pesquisa devido à natureza descritiva dos dados, à atribuição de significados ao objeto de estudo, à preocupação atribuída ao processo (e não ao produto) e à análise indutiva dos dados (Marconi; Lakatos, 2017). Pela abordagem adotada, tornou-se possível revelar o significado de experiências em um determinado ambiente para seus interlocutores, possibilitando que os componentes se relacionem para formar um todo (Flick, 2009). Assim, não se trata de apenas desvendar processos sociais de grupos particulares, mas sim, construir novas abordagens, rever e criar conceitos e categorias oriundas de um processo de sistematização (Thomas; Nelson; Silverman, 2015).

Portanto, seguiu-se um estudo descritivo transversal nomotético (entrevista e posterior análise dos discursos de treinadores de handebol), pontual (a partir de um corte transversal, sem continuidade) e multidimensional (por admitir diversos aspectos para a especialização de goleiros e jogadores de quadra de handebol) (Anguera et al. 2011), sem comparar grupos ou provar um dado modelo (Ato et al. 2013).

## Santos, Menezes

### *Participantes e aspectos éticos*

Participaram do estudo 17 treinadores que comandam equipes femininas e/ou masculinas de uma liga de handebol do Estado de São Paulo (Brasil), nas categorias sub-14, sub-16 e sub-18, sendo 10 homens e 7 mulheres. Destaca-se a representatividade do Estado de São Paulo no cenário nacional, tanto pelo número de equipes presentes na elite do handebol brasileiro quanto pelo número de ligas e competições em nível estadual.

Destaca-se, também, o fato de que, na categoria masculina da Liga Nacional de Handebol, desde sua criação, em 1997, apenas três equipes de outros estados venceram a competição nacional na categoria adulta, contra 26 conquistas de equipes paulistas. Já na categoria feminina, também criada em 1997, o cenário é um pouco diferente, mas ainda assim promissor para o Estado de São Paulo, que detém 17 títulos, em comparação com oito títulos conquistados por equipes de outros estados.

Este estudo foi submetido e aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa institucional (CAAE: 18016013.0.0000.5407), em acordo com a Declaração de Helsinki, garantindo o sigilo das informações pessoais aos treinadores e a utilização dos depoimentos apenas para fins acadêmicos, sendo uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue a esse no momento da entrevista. Relata-se a inexistência de conflitos de interesse dos pesquisadores e que o manuscrito foi redigido de acordo com padrões éticos científicos (Harris; MacSween; Atkinson, 2019). Na Tabela 1 está apresentada a caracterização dos treinadores entrevistados, com destaque para o fato de haver apenas treinadores das equipes e não de posições específicas (como de goleiros).

**Tabela 1**

*Descrição dos treinadores entrevistados.*

<b>Treinadores</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de formação</b>	<b>Categorias</b>	<b>Tempo de experiência como treinador de handebol (anos)</b>
<b>Dirigem equipes femininas</b>	<b>S1F</b>	39	16	Sub-14, 16 e 18
	<b>S2F</b>	28	04	Sub-14, 16 e 18
	<b>S1M</b>	28	07	Sub-14, 16 e 18
	<b>S2M</b>	39	18	Sub-14, 16 e 18
	<b>S3M</b>	47	25	Sub-14, 16 e 18
	<b>S4M</b>	45	30	Sub-14, 16 e 18
	<b>S5M</b>	54	30	Sub-14, 16 e 18
<b>Dirigem equipes masculinas</b>	<b>S6M</b>	48	24	Sub-14, 16 e 18
	<b>S7M</b>	44	11	Sub-14, 16 e 18
	<b>S1A</b>	27	04	Sub-16 e 18
	<b>S2A</b>	45	17	Sub-14, 16 e 18
	<b>S3A</b>	23	02	Sub-14
	<b>S4A</b>	32	12	Sub-14, 16 e 18
	<b>S5A</b>	29	06	Sub-14, 16 e 18
<b>Dirigem ambas equipes</b>	<b>S6A</b>	45	22	Sub-14, 16 e 18
	<b>S7A</b>	30	09	Sub-14, 16 e 18
	<b>S8A</b>	43	24	Sub-14, 16 e 18

Os participantes constituem uma amostra heterogênea, com média de 38 ( $\pm 9,3$ ) anos de idade (mín=23, máx=54), graduados em Educação Física há uma média de 15,3 ( $\pm 9,3$ ) anos (mín=2, máx=30) e com tempo médio de atuação profissional como treinador de handebol de 12,7 ( $\pm 8,7$ ) anos (mín=2, máx=28). As categorias mencionadas pelos treinadores referem-se àquelas com as quais estavam disputando as ligas no momento da entrevista. Com a análise dos dados descritivos, dois aspectos foram identificados a partir dos discursos dos treinadores entrevistados: o primeiro diz respeito ao fato de possuírem experiência em mais de uma categoria ao longo de sua atuação

## Especialização no handebol

profissional (exceto S3A, o que pode estar relacionado à sua recente contratação após o período de graduação); e o segundo apresentando que dois desses (S1A, S2A) iniciaram as atividades profissionais antes mesmo do término da formação acadêmica (que pode estar relacionado à contabilização dos estágios obrigatórios e as experiências como treinadores de equipes universitárias).

### *Instrumentos e procedimentos de entrevista*

Em virtude da temporada esportiva regular e da indisponibilidade oriunda do calendário de alguns treinadores, realizou-se entrevistas semiestruturadas presenciais durante quatro meses, com duração média de 1h16min. As entrevistas permitiram identificar os aspectos pedagógicos inerentes à formação dos jogadores e alguns procedimentos adotados em cada categoria.

As entrevistas semiestruturadas são indicadas para produzir dados qualitativos e proporcionar aos pesquisadores um diálogo livre, aproximando as concepções e ideias dos participantes aos objetivos norteadores do estudo (Purdy, 2017). O procedimento para a construção do instrumento de entrevista e sua realização foi pautado na proposta de Shenton (2004), e realizado em cinco etapas: 1) definição dos critérios para inclusão dos participantes; 2) contato inicial com o treinador; 3) agendamento da entrevista; 4) gravação na íntegra; 5) transcrição da entrevista. A elaboração do roteiro de entrevista foi conduzida por um pesquisador com experiência na área, doutor em Educação Física, ex-atleta de handebol e docente na área de Pedagogia do Esporte há mais de 10 anos.

O roteiro de entrevistas foi dividido em dois blocos: o primeiro de caráter preparatório para identificar a trajetória dos treinadores e seu processo formativo, em que constavam, dentre outras, perguntas norteadoras como: “Possui curso de Graduação? Em qual área? Em que ano? Onde?”, “Possui curso de Pós-Graduação? Em qual área? Em que ano? Onde?”, “Há quanto tempo você atua como treinador? Em quais categorias?”); e o segundo de caráter específico, que abordavam questões inerentes à especialização dos jogadores, tais como: “Com qual idade você considera ideal para especializar o jogador de quadra de handebol? Por que?”, “Com qual idade você considera ideal para especializar o goleiro de handebol? Por que?”). As questões específicas permitiram identificar a idade e as razões para a especialização dos jogadores no handebol.

As transcrições foram realizadas na íntegra e iniciadas no mesmo dia da realização das entrevistas, pelo fato de o discurso estar latente ao pesquisador (Oliver et al., 2005) e foram enviadas aos treinadores para possíveis ajustes e complementações, validando seu conteúdo e garantir a sua confiabilidade. Os arquivos de áudio contendo gravação das entrevistas foram armazenados em nuvem para proporcionar o acesso pelos pesquisadores por qualquer dispositivo e em computador pessoal.

### *Análise das entrevistas*

Os discursos foram tabulados e analisados a partir do método da análise temática reflexiva (ATR) (Braun e Clarke, 2019), que se pauta na identificação de padrões dentro de um conjunto de dados específicos. Por apresentar uma flexibilidade teórica a ATR possibilita responder diferentes questões de pesquisa, sendo frequentemente aplicada aos estudos de perspectivas pessoais (Braun e Clarke, 2006; Braun et al., 2014) e no âmbito esportivo (Braun et al., 2016).

Após a definição do tema e do referencial teórico norteador, construiu-se a ATR partindo de uma rica descrição do conjunto de dados, teórica, latente e construcionista (Braun e Clarke, 2006; Braun et al., 2014; 2016). Os pesquisadores se familiarizaram inicialmente com os discursos por meio de leituras e releituras desses, cujo intuito foi de captar a essência das ideias transmitidas pelo entrevistado. Posteriormente, foram gerados códigos iniciais, por meio de palavras ou expressões que sintetizavam ideias centrais identificadas nos discursos dos treinadores. Esses códigos funcionaram como categorias que permitiram organizar o material em unidades menores e facilitar a identificação de padrões ou elementos relevantes à temática. A partir desse momento, os temas foram definidos e nomeados para que refletissem seu significado dentro do contexto da pesquisa realizada, resultando na produção de

## Santos, Menezes

um relatório detalhado que descreveu os temas e as contribuições para o estudo. Todas essas etapas foram realizadas utilizando o editor de texto Microsoft Word® 2016.

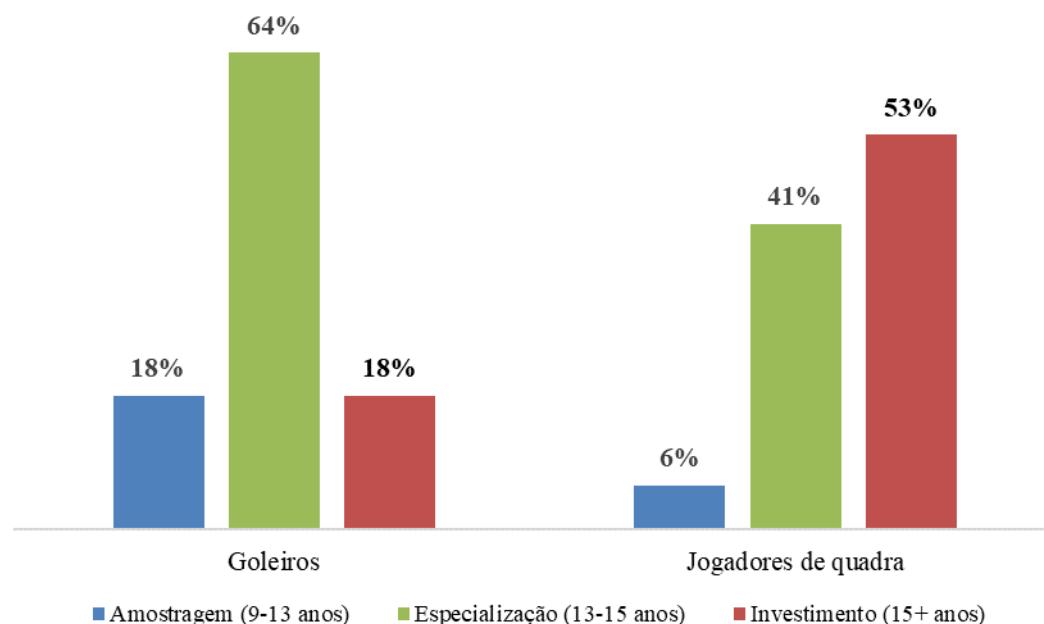
Como forma de garantir a confiabilidade dos temas identificados, foi alcançada uma concordância por consenso (Anguera et al., 2011) entre os autores deste estudo, que possuem experiência prévia em pesquisas na área de esportes coletivos e métodos qualitativos, com formação de mestrado e doutorado, respectivamente, nas áreas de Educação Física e Esporte.

## RESULTADOS

Os posicionamentos divergentes entre os treinadores quanto ao momento ideal para especializar goleiros ou jogadores de quadra mostraram que 64% dos entrevistados acreditam que a especialização dos goleiros deva ocorrer nas categorias sub-14 e sub-16 (etapa de especialização do DMSP), enquanto 53% dos treinadores acreditam que a especialização dos jogadores de quadra deve ocorrer na categoria sub-16 (período correspondente à etapa de investimento) (Figura 1).

**Figura 1**

*Etapas consideradas ideais pelos treinadores para a especialização por postos específicos, de acordo com as etapas propostas pelo DMSP.*

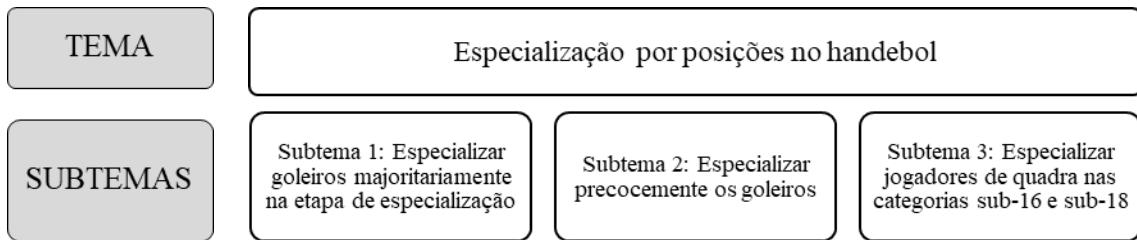


A partir da ATR foi possível elaborar um tema (“Especialização por posições no handebol”) e três subtemas: “Especializar goleiros majoritariamente na etapa de especialização”, “Especializar precocemente os goleiros” e “Especializar jogadores de quadra nas categorias sub-16 e sub-18”, conforme mapa temático apresentado na Figura 2.

## Especialização no handebol

**Figura 2**

*Mapa temático elaborado a partir dos discursos dos treinadores.*



O subtema 1, intitulado “Especializar goleiros majoritariamente na etapa de especialização”, indicou que a especialização devia ocorrer entre os 13 e 15 anos, alinhando-se à etapa de especialização proposta no DMSP, que abrange até meados da categoria sub-16. A seguir, serão apresentados trechos dos discursos desses treinadores que explicam os motivos que fundamentaram esse posicionamento, evidenciando a importância da experiência ampla e a escolha de momento para a especialização dos goleiros.

Todo atleta, quando criança, deveria vivenciar vários esportes, modalidades e um repertório motor mais rico [...] exceto o goleiro. Para o goleiro, o ideal é que, caso o jogador tenha facilidade para a posição, ele se especialize nela, mas ainda tenha a experiência de jogar em pelo menos duas posições diferentes dentro do time (S2F)

Acho interessante ele se especializar na sub-16, passando por todas as posições, ter uma vivência de todas as posições, tanto no ataque, como na defesa. (S1M)

Considero utilizar alunos entre os 15 e 16 anos. Nesta faixa etária podemos descobrir as características de cada um, lembrando que todos tenham passado por fundamentos básicos das outras posições da modalidade. (S3M)

A argumentação dos trechos anteriores baseia-se na construção de um repertório motor amplo durante as primeiras etapas da formação, com a especialização sendo iniciada no início da categoria sub-16. Por outro lado, alguns treinadores (subtema 2) defendem a especialização precoce, já na categoria sub-12 (fase de diversificação), justificando essa escolha pelo desenvolvimento de habilidades mais específicas para o goleiro, em comparação com as exigências para os jogadores de quadra.

O goleiro é aquele jogador que você exige mais movimentos específicos e um aprendizado mais direcionado. Para um goleiro, o quanto antes, melhor. Se ele quer ser goleiro, já no sub-12 ele tem que ter uma noção dos posicionamentos e das formas defensivas. (S7A)

É na categoria sub-12 que já sai o goleiro. Se bateu o olho, tem o biotipo e tem vontade de ser goleiro, ela vai ser. (S5M)

Já o subtema 3, que abordou a especialização dos jogadores de quadra, apresentou maior apelo à etapa de investimento proposta pelo DMSP (que abrange meados da categoria sub-16 e a categoria sub-18), em que se destaca a importância da versatilidade do jogador ao longo de toda a sua formação esportiva.

Todo atleta quando criança deveria vivenciar vários esportes, modalidades e um repertório motor mais rico. (S2F)

As características dos jogadores mudam muito. Não é uma coisa pré-definida, dá para ir testando até chegar numa posição. Portanto, no caso dos jogadores quadra, podemos brincar um pouco com as posições. (S1F).

## Santos, Menezes

Se for pensar em priorizar posições, partimos para os 15 e 16 anos de idade, pois os atletas já estão com sua formação motora, conseguem assimilar e tomar decisões. (S1M)

Como é formação, você já forma o jogador com pelo menos três posições para que lá na frente ele tenha uma posição específica. Aí dá para você jogar um pouco mais para cima. (S5A)

Ela já está com sua formação motora e está conseguindo assimilar mais e tomar decisões. Há consciência corporal com o implemento da bola, pode tomar decisões melhores e compreender melhor as posições. (S7A)

A partir do sub-18 entendemos que é o momento ideal para especializar, não dá para ficar flutuando e trocando, aí sim é o momento que o atleta já tem experiência, bagagem motora, bagagem cognitiva e talvez até maturidade para entender alguns conceitos (S6A)

Como é na formação você já forma ele com pelo menos três posições para ele ter uma específica lá na frente, ter pelo menos 2 que ele consiga jogar e tenha simpatia pela posição. (S2A)

Agora em uma posição, pensando nos jogadores de quadra, deve-se especializar na categoria sub-18. E no mínimo, em duas posições. Em minha equipe é obrigatório que cada atleta atue em pelo menos duas posições. (S7M)

Acho que especializar mesmo só para equipes de alto rendimento, quem trabalha no interior não disputa tantos jogos de federação, procuro sempre ter o jogador rodando em várias posições (S3M)

Os treinadores destacaram a importância de os jogadores já possuírem um bom desenvolvimento de habilidades gerais e específicas (também por meio da prática de diferentes modalidades) para que o esse processo seja profícuo. Esse processo envolve experiências variadas dentro do handebol, com apelo à resolução de situações-problema em posições variadas para caso necessário, se especialize em apenas uma. No entanto, é importante destacar o posicionamento expresso no subtema 3, de que a especialização deve ser realizada em mais de uma posição, com vistas à formação de jogadores versáteis, além de considerar o contexto no qual a equipe está inserida.

## DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi analisar a etapa considerada ideal por treinadores de handebol para especializar os jogadores por posições. As entrevistas com os treinadores mostraram-se uma ferramenta valiosa para entender o contexto do processo de formação no handebol, além de permitir a identificação e a discussão dos motivos que sustentam as decisões dos treinadores, como, por exemplo, o momento ideal para especializar o jogador como goleiro ou em uma posição específica na quadra.

De maneira geral, os treinadores apontaram perspectivas diferentes para a especialização de goleiros (nas categorias sub-14 e sub-16) e de jogadores de quadra (nas categorias sub-16 e sub-18). Ehret et al. (2002) mencionam que as categorias sub-12 e sub-14 são marcadas como “treinamento básico” e não é necessário especializar os jogadores nessas idades.

A categoria sub-12 é caracterizada pelo desenvolvimento motor geral, variado e sem imposições táticas, enquanto na sub-14 há o aperfeiçoamento dos conteúdos desenvolvidos na categoria anterior, associado à introdução de elementos táticos individuais (Ehret et al., 2002). Os anos de experimentação (até a categoria sub-12, segundo o DMSP) são essenciais para que os jogadores vivenciem diversas habilidades em diferentes contextos, bem como para o refinamento básico de capacidades que serão fundamentais em algum momento de determinada prática esportiva (Côté; Hay, 2002).

## Especialização no handebol

Independentemente da idade e do nível de desenvolvimento esportivo, o jogador deve ter acesso a uma formação esportiva que permita construir e transferir as competências entre diferentes modalidades. O desenvolvimento do prazer pela prática, bem como um estilo de vida saudável associado à participação recreativa em uma ou mais modalidades esportivas, são fundamentais para o processo de formação esportiva (Côté et al., 2009). A diversidade de tarefas antes do processo de especialização e dos anos de investimento favorece o desenvolvimento de habilidades interpessoais por meio da exposição a vários contextos socioculturais (Rose-Krasnor et al., 2006; Côté e Vierimaa, 2014). Além disso, a dinâmica do jogo de handebol com mudanças de posições entre os jogadores e de sistemas de jogo (ofensivos e defensivos) demanda dos jogadores uma flexibilidade tática, que justifica o caráter generalista ao longo do processo de ensino/treino e a especialização nas categorias próximas à adulta.

Ao longo do processo de formação vai ocorrendo uma diminuição gradual no número de modalidades esportivas praticadas (Côté et al., 2007), e a distribuição entre prática deliberada e ensino por meio de jogos deve ser cautelosamente planejada para permitir o amplo desenvolvimento motor e cognitivo dos jogadores. Especificamente no handebol, vai havendo um aumento gradual das especificidades relacionadas ao jogo ofensivo e defensivo conforme a categoria sub-18 se aproxima (Ehret et al., 2002) alcançando, por exemplo, movimentos mais precisos, bem controlados e intencionais na categoria sub-18 (Menezes et al., 2015).

Os treinadores relataram que durante o processo formativo a etapa denominada “anos de especialização” (que abrange a categoria sub-14 e início da sub-16) é a mais recomendada para especializar os goleiros, pelos requisitos táticos-técnicos distintos dos jogadores de quadra (Ehret et al., 2002; Modolo; Menezes, 2019; Santos; Menezes, 2019; 2020). Modolo e Menezes (2019) analisaram a formação de goleiros sob a concepção de treinadores da categoria sub-16 e identificaram que há uma variedade de aspectos que influenciam essa formação, como estatura, envergadura, desenvolvimento do repertório motor, características técnicas, coordenação, características táticas, características psicológicas e capacidades motoras. Os resultados do presente estudo revelaram a preferência pela especialização até/nesta esta categoria, o que corrobora os achados de Modolo e Menezes (2019) e se alinha às prerrogativas de outros autores (Ehret et al., 2002; Côté et al., 2007; Côté et al., 2013; Santos; Menezes, 2019).

Os resultados deste estudo e dos autores mencionados revelaram que, até que se inicie a especialização, diferentes dimensões devem ser estimuladas ao longo do processo de ensino/treino. A ampliação e consolidação do repertório motor e da capacidade de tomada de decisão poderão ocorrer por meio da prática de diferentes modalidades em contextos variados, o que dificultaria o processo de especialização esportiva precoce (Côté; Hay, 2002; Côté et al., 2007).

Embora a especialização seja desejável e necessária para aperfeiçoar as habilidades específicas do esporte, as mudanças fisiológicas não podem ser ignoradas ao longo desse processo. O ritmo de crescimento corporal na adolescência é muitas vezes assimétrico e podem ocorrer discrepâncias no desenvolvimento das capacidades motoras fundamentais entre meninos e meninas (Bee, 2003; Gallahue e Ozmun, 2003). Soma-se a esse aspecto o fato de que o excesso de sobrecargas em idades precoces pode levar a lesões físicas e estresse psicológico (Jayanthi et al., 2012), especialmente se forem adotados métodos de ensino/treino inadequados (Fabricant et al., 2016).

Dois pontos principais são expostos pelos treinadores: versatilidade para a realização das tarefas dos jogadores e respeito aos aspectos maturacionais. A fase de especialização no DMSP (Côté et al., 2007) tem como principal característica um aumento da prática deliberada, associada a uma diminuição do jogo deliberado. Tais acontecimentos podem ocorrem simultaneamente com o início da puberdade, que é um momento de intensas mudanças metabólicas e morfológicas (Malina et al., 2009).

O treinador gerencia o processo de formação por meio de condutas intencionais para o desenvolvimento das competências essenciais que melhorem o rendimento na modalidade (Mesquita et al., 2012) e, para que as transições (normativas) entre as categorias sejam satisfatórias para os jogadores, é necessário refinar as habilidades e desenvolver competências para alcançar complexidades cada vez maiores futuramente (Alfermann; Stambulova, 2007). Menezes (2018), ao analisar um contexto do handebol brasileiro, afirma que processos de ensino/treino em

## Santos, Menezes

longo prazo devem incorporar diferentes procedimentos metodológicos, sendo os estímulos variados fundamentais para a formação dos atletas. Isso indica que o aumento da complexidade no processo de ensino não se deve apenas à progressão dos conteúdos abordados, mas também às exigências e desafios impostos pelas estratégias metodológicas escolhidas.

Os discursos dos treinadores também revelaram a opção por especializar os jogadores de quadra nas categorias sub-16 e sub-18, que envolvem as etapas de especialização e investimento descritas no DMSP. Na etapa de especialização, aproximadamente até os 15-16 anos, os jogadores aumentam o comprometimento e o envolvimento na modalidade, buscando maiores níveis de desempenho. Elementos relacionados à estratégia, à competição e ao desenvolvimento de habilidades específicas tornam-se imprescindíveis para esse processo (Côté, 1999; Barreiros et al., 2014). Embora 41% dos treinadores tenham indicado que a especialização devia ocorrer entre os 13 e 15 anos, os discursos revelaram que essa definição posicional costuma acontecer de maneira gradual, após vivências variadas dentro da modalidade. Mesmo entre os que defendem o início da especialização por volta dos 13-15 anos, há uma ênfase na importância de o atleta transitar por diferentes posições antes de se fixar em uma função específica. Por outro lado, os treinadores que indicam a especialização a partir dos 15 anos ou mais reforçam que, nesse momento, os atletas já possuem maior maturidade motora e cognitiva para tomar decisões mais complexas. Assim, apesar da aparente divisão nas respostas quantitativas, os relatos qualitativos apontam uma tendência comum à especialização progressiva e à valorização da versatilidade na formação, indo ao encontro das premissas do DMSP.

Nos achados deste estudo também foi possível identificar que, tão importante quanto a especialização na modalidade, é o fato de que, a partir da categoria sub-14, deve-se atribuir posições específicas aos jogadores, de modo que possam ter contato com as especificidades das relações com companheiros e adversários em situações distintas. De forma semelhante, a versatilidade dos jogadores é evidenciada nos discursos do subtema 2, mostrando ser uma preocupação relevante dos treinadores e que aponta para benefícios de um processo de formação generalista até a especialização (Ehret et al., 2002; Menezes, 2018).

Nos achados deste estudo também foi possível identificar que, tão importante quanto a especialização na modalidade, é o fato de que, a partir da categoria sub-14, alguns treinadores já atribuem posições específicas aos jogadores, ainda que de forma não definitiva, como etapa preparatória para a futura especialização. Essa ideia pode ser observada nos relatos que destacam a importância de vivências em diferentes posições antes da consolidação de uma função específica, como apontado no subtema 2. De forma semelhante, a versatilidade dos jogadores é evidenciada nos discursos do subtema 3, mostrando ser uma preocupação relevante dos treinadores e que aponta para benefícios de um processo de formação generalista até a especialização (Ehret et al., 2002; Menezes, 2018).

Mesmo a especialização ocorrendo nas categorias mais velhas para os jogadores de quadra, recomenda-se que todos os jogadores conheçam as especificidades de todas as posições de jogo (Ehret et al., 2002), o que também foi defendido por treinadores de categorias adultas masculinas do Estado de São Paulo (Santos; Menezes, 2020). Esse posicionamento vai ao encontro do contexto de desenvolvimento do handebol no Estado de São Paulo, em que algumas regras competitivas ainda são modificadas para as categorias mais jovens (Leonardo; Scaglia, 2018). Na prática, essas alterações se materializam nos sistemas defensivos de jogo (individual e zonais) que trazem implicações para atacantes e defensores (ligadas à especificidade das posições de jogo). Esse cenário também fortalece o argumento que justifica o aumento gradual da prática deliberada (Côté et al., 2007), em que os jogadores são submetidos a cargas mais intensas de treinamento visando as competições e o alto rendimento (Côté, 1999).

As divergências nas opiniões exaradas neste estudo podem estar relacionadas: a) aos treinadores serem provenientes de contextos de atuação e estruturas de trabalhos particulares (clubes, prefeituras e/ou escolas públicas e privadas); b) à ausência de documentos oficiais (pelos instituições reguladoras do handebol nos âmbitos nacional, estadual e regional) apresentando diretrizes formativas para o ensino da modalidade no Brasil (Franceschi,

## **Especialização no handebol**

Menezes, 2023) e; c) às formações acadêmicas distintas e específicas para um profissional generalista, pouco aprofundadas para o ensino no âmbito esportivo.

A partir das reflexões provocadas pelos resultados deste estudo, recomenda-se que o processo de especialização de jogadores de handebol seja realizado de maneira paulatina e variada, pautada no ensino por meio de jogos e no aumento gradual da prática deliberada ao longo do tempo. Os dados desta amostra, considerando o contexto analisado, sugerem que a especialização dos goleiros tende a ocorrer em momento anterior ao dos jogadores de quadra, o que também é sustentado por parte da literatura consultada. Por fim, os resultados indicam que a especialização dos jogadores de quadra deve contemplar mais de uma posição de jogo, devido à dinâmica e à complexidade das ações requeridas em diversos momentos da partida.

## **CONCLUSÃO**

Este estudo analisou as faixas etárias consideradas ideais para a especialização de goleiros e jogadores de quadra no handebol, com base nas opiniões de treinadores que atuam em uma grande liga do Estado de São Paulo. A identificação de categorias adequadas para a especialização, assim como os discursos dos treinadores que optam por especializar em categorias distintas, possibilitam ampliar o debate sobre os procedimentos pedagógicos adotados ao longo desse processo.

Uma das limitações deste estudo volta-se ao entendimento do processo de especialização a partir das entrevistas dos treinadores, o que nem sempre pode refletir o que é realizado no cotidiano de suas equipes. A partir daí, sugere-se que investigações futuras avancem no entendimento das práticas pedagógicas dos treinadores, com acompanhamento in loco do processo de ensino/treino.

## **APLICACIONES PRÁCTICAS**

Embora no modelo teórico as categorias consideradas ideais para a iniciação e para a especialização tenham sido bem definidas, no contexto prático pode haver variações, seja por aspectos socioeconômicos particulares ou mesmo estruturais das equipes. Adicionalmente, foram identificadas perspectivas distintas para especializar nas diferentes funções, o que traz (inicialmente) três importantes reflexões sobre o momento e os procedimentos para que esse processo ocorra gradualmente.

A primeira se refere à necessidade de oferta de atividades variadas ao longo da formação do jogador que estimulem o desenvolvimento do repertório motor e cognitivo, orientado à resolução de situações-problema em diferentes posições do jogo. A segunda reflexão se dá no sentido de que na medida em que o jogador avança para as categorias mais velhas, é essencial que ele tenha a capacidade de atuar em mais de uma posição específica, o que não limitaria o processo de especialização a apenas uma posição (e valoriza a formação generalista nas categorias mais jovens). E a terceira se refere à necessidade de um programa nacional de formação de treinadores que aborde a formação dos jogadores e os indicativos para a especialização desses.

## **FINANCIAMENTO**

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processos 2013/05854-8 e 2014/07967-7).

## Santos, Menezes

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos treinadores que se disponibilizaram a participar deste estudo, que puderam dedicar um tempo para além das suas demandas pessoais e profissionais.

### REFERÊNCIAS

1. Alfermann, D., Stambulova, N. (2007). Career transitions and career termination. In G. Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of sport psychology* (pp. 712-733). Wiley.
2. Anguera; M. T., Blanco-Villaseñor, A., Hernández-Mendo, A., Losada, J. L. (2011). Diseños observacionales: ajuste y aplicación en psicología del deporte. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 11(2), 63-76.
3. Ato, M., López, J. J., Benavente, A. (2013). Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. *Anales de Psicología*, 29 (3), 1038-1059. <https://doi.org/10.6018/analeps.29.3.178511>
4. Baker, J., Young, B. (2014). 20 years later: Deliberate practice and the development of expertise in sport. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 7(1), 135-157. <https://doi.org/10.1080/1750984X.2014.896024>
5. Barreiros, A., Côté, J., Fonseca, A. M. (2014). From early to adult sport success: Analysing athletes' progression in national squads. *European Journal of Sport science*, 14(sup1), S178-S182. <https://doi.org/10.1080/17461391.2012.671368>
6. Bee, H. (2003). *A Criança em Desenvolvimento*. (9 ed). Artmed Editora.
7. Braun, V., Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
8. Braun, V., Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11(1), 1-9. <http://dx.doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
9. Braun, V., Clarke, V., Terry, G. (2014). Thematic analysis. *Qualitative Research Clinical Health Psychology*, 24(1), 95-114. [http://dx.doi.org/10.1007/978-1-37-29105-9\\_7](http://dx.doi.org/10.1007/978-1-37-29105-9_7)
10. Braun, V., Clarke, V., Weate, P. (2016). *Using thematic analysis in sport and exercise research*. Handbook of Qualitative Research in Sport and Exercise (pp. 213-227). Routledge.
11. Côté, J., Hancock, D. J. (2016). Evidence-based policies for youth sport programmes. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 8(1), 51-65. <https://doi.org/10.1080/19406940.2014.919338>
12. Côté, J., Vierimaa, M. (2014). The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. *Science & Sports*, 29, S63-S69. <http://dx.doi.org/10.1016/j.scispo.2014.08.133>
13. Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, 13(4), 395-417. <https://doi.org/10.1123/tsp.13.4.395>
14. Côté, J., Baker, J., Abernethy, B. (2007). Practice and play in the development of sport expertise. Em Gershon Tenenbaum e Robert C. Eklund (Eds.), *Handbook of sport psychology* (pp. 184-202). John Wiley & Sons.

## Especialização no handebol

15. Côté, J., Erickson, K., Abernethy, B. (2013). Play and practice during childhood. In Jean Côté e Ronnie Lidor (Eds.), *Conditions of children's talent development in sport* (pp. 9-20). Fitness Information Technology.
16. Côté, J., Lidor, R., Hackfort, D. (2009). ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 7(1), 7-17. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2009.9671889>
17. Cruz, J. H. D. B., Motta, T. C. M., Silva, R. M. S., Bergmann, G. G. (2024). Treinadores de handebol do Brasil: Perfil demográfico, de formação e atuação profissional. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 24(2), 253-266. <https://doi.org/10.6018/cpd.579331>
18. Dorsch, T. E., Smith, A. L., McDonough, M. H. (2009). *Parents' perceptions of child-to-parent socialization in organized youth sport*. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 31(4), 444-468. <https://doi.org/10.1123/jsep.31.4.444>
19. Ehret, A., Späte, D., Schubert, R., Roth, K. (2002). *Manual do Handebol*: treinamento de base para crianças e adolescentes. Phorte Editora.
20. Ericsson, K. A., Krampe, R. T., Tesch-Römer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, 100(3), 363-406. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0033-295X.100.3.363>
21. Estriga, M. L. D., Moreira, I. (2015). Proposta metodológica de ensino do andebol. Em Fernando Tavares (Org.), *Jogos desportivos coletivos: ensinar a jogar* (pp. 123-164). FADEUP.
22. Fabricant, P. D., Lakomkin, N., Sugimoto, D., Tepolt, F. A., Stracciolini, A., Kocher, M. S. (2016). Youth sports specialization and musculoskeletal injury: a systematic review of the literature. *The Physician and Sports Medicine*, 44(3), 257-262. <https://doi.org/10.1080/00913847.2016.1177476>
23. Flick, U. (2008) *Introdução à pesquisa qualitativa*. Artmed.
24. Franceschi, B. V. A., Menezes, R. P. (2023). Diretrizes de (con) federações nacionais para o desenvolvimento de treinadores de handebol em uma perspectiva de longo prazo. *Pensar a Prática*, 26. <https://doi.org/10.5216/rpp.v26.74574>
25. Gallahue, D. L., Ozmun, J. C. (2003). *Comprendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 2. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2003.
26. Greco, P. J., Silva, S. A., Greco, F. L. (2012). O sistema de formação e treinamento esportivo no handebol brasileiro (SFTE-HB). Em Pablo J. Greco & Juan J. Fernández Romero (Eds.), *Manual de handebol: da iniciação ao alto nível* (pp. 235-250). Phorte.
27. Harriss, D. J., MacSween, A., Atkinson, G. (2019). Ethical standards in sport and exercise science research: 2020 Update. *International Journal of Sports Medicine*, 40(13), 813-817. <https://doi.org/10.1055/a-1015-3123>
28. Jayanthi, N., Pinkham, C., Dugas, L., Patrick, B., Labella, C. (2013). Sports specialization in young athletes: evidence-based recommendations. *Sports Health*, 5(3), 251-257. <https://doi.org/10.1177/1941738112464626>
29. LaPrade, R. F., Agel, J., Baker, J., Brenner, J. S., Cordasco, F. A., Côté, J., ... Provencher, M. T. (2016). AOSSM early sport specialization consensus statement. *Orthopaedic journal of sports medicine*, 4(4), 2325967116644241. <https://doi.org/10.1177/2325967116644241>

## Santos, Menezes

30. Leonardo, L., Scaglia, A. J. Estudo sobre regulamentos no handebol de jovens: uma análise documental sobre o uso obrigatório do sistema defensivo individual em competições sub-12 e sub-14. *Journal of Physical Education*, 29:e2952, 2018. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v29i1.2952>
31. Malina, R. M., Bouchard, C., Bar-Or, O. (2009). *Growth, maturation, and physical activity*. Human Kinetics.
32. Marconi, M. A., Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de metodologia científica* (8 ed). Atlas.
33. Menezes, R. P. (2018). Ensino do handebol em longo prazo: estudo a partir da opinião de treinadores. *Educación Física y Ciencia*, 20(2), e048. <https://doi.org/10.24215/23142561e048>
34. Menezes, R. P., Marques, R. F. R., Nunomura, M. (2014). Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. *Movimento*, 20(1), 351-373. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.40200>
35. Menezes, R. P., Reis, H. H. B., Tourinho Filho, H. Ensino-aprendizagem-treinamento dos elementos técnico-táticos defensivos individuais do handebol nas categorias infantil, cadete e juvenil. *Movimento*, v.21, n.1, p.261-273, 2015. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.46159>
36. Mesquita, I., Farias, C., Hastie, P. (2012). The Impact of a Hybrid Sport Education-Invasion Games Competence Model Soccer Unit on Students' Decision Making, Skill Execution and Overall Game Performance. *European Physical Education Review*, 18, 205-219. <https://doi.org/10.1177/1356336X12440027>
37. Modolo, F., Menezes, R. P. (2019). Características técnico-táticas dos goleiros de handebol da categoria sub-16: Opinião de treinadores brasileiros: opinião de treinadores brasileiros. *Cuadernos de psicología del deporte*, 19(1), 206-221. <https://doi.org/10.6018/cpd.346291>
38. Modolo, F., Madeira, M. G., Santos, W. R., D'Almeida, M. P., Menezes, R. P. (2017). Contextos e situações de aprendizagem de treinadores de handebol em âmbito escolar. *Movimento*, 23(4), 1203-1216. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.71699>
39. Nascimento, K. M. L., Fernandes, D. T. (2023). Especialização esportiva precoce e suas consequências negativas: uma revisão sistemática. *Corpoconsciência*, 27(e.14244), 1-17. <https://doi.org/10.51283/rc.27.e14244>
40. Oliver, D. G., Serovich, J. M., Mason, T. L. (2005). Constraints and opportunities with interview transcription: Towards reflection in qualitative research. *Social Forces*, 84(2), 1273-1289. <https://doi.org/10.1353%2Fsof.2006.0023>
41. Purdy, L. (2017). *Sports coaching: The basics*. Routledge.
42. Rose-Krasnor, L., et al. (2006). Breadth and intensity of youth activity involvement as contexts for positive development. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(1), 385-499. <https://doi.org/10.1007/s10964-006-9042-6>
43. Santos, W. R., Menezes, R. P. (2019). Especialização de jogadoras de handebol a partir dos discursos de treinadores. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 19(3), 47-61.
44. Santos, W. R., Menezes, R. P. (2020). Specialization of handball players: speeches of school team coaches. *E-Balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte* 16(2), 85-92.
45. Shenton, A. K. (2004). Strategies for ensuring trustworthiness in qualitative research projects. *Education for Information*, 22(2), 63-75.

## Especialização no handebol

46. Thomas, J. R., Nelson, J. K., Silverman, S. J. (2015). *Métodos de pesquisa em atividade física*. Artmed.
47. Vieira, F. A., Santos, W. R., Menezes, R. P. (2021). El discurso de tres entrenadores escolares sobre la iniciación y especialización del baloncesto. *Revista Peruana de Ciencias de la Actividad Física y del Deporte: RPCAFD*, 8(3), 2.
48. Wall, J. M., Côté, J., Ericsson, K. A. (2020). Navigating early specialization sport: Parent and athlete goal-directed processes. *Sport, Exercise, and Performance Psychology*, 9(3), 371-387. <https://doi.org/10.1037/spy0000187>